ISSN: 2358-8829

DESIGUALDADES NAS BOLSAS DE PRODUTIVIDADE PQ: UM RAIO-X DE DUAS DÉCADAS

Carolina Fauth Vassão [1]
Fernanda Stanisçuaski [2]

INTRODUÇÃO

A ampliação da presença feminina nas universidades brasileiras representa uma transformação importante na composição da comunidade científica. Entretanto, esse avanço ainda não encontra correspondência na distribuição de oportunidades de reconhecimento e de prestígio acadêmico. Tal disparidade torna-se particularmente evidente na concessão das bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Mais do que um apoio financeiro, essas bolsas constituem um importante instrumento de valorização institucional, associado à trajetória dos pesquisadores e à expansão das possibilidades de pesquisa, orientação e liderança acadêmica. A análise de sua distribuição, portanto, permite identificar assimetrias no acesso a posições de destaque e compreender como as desigualdades de gênero atravessam os mecanismos de avaliação da produção científica nacional (Cunha; Dimenstein; Dantas, 2021).

As oportunidades na academia não estão inseridas em um contexto de neutralidade. As carreiras são construídas em instituições marcadas por diferenças de financiamento, redes de colaboração, e, também, por responsabilidades familiares e expectativas sociais que recaem de maneira desigual sobre homens e mulheres (Azevedo; Barbosa; Guena, 2025; Motta; Fiúza, 2022). Nesse cenário, o movimento Parent in Science tem destacado que a maternidade e o acúmulo de tarefas de cuidado afetam desproporcionalmente a trajetória das pesquisadoras no Brasil, com impactos especialmente na produção científica (Machado et al., 2019). No caso das bolsas PQ do CNPq, as autoras Cunha, Dimenstein e Dantas (2021) chamam a atenção para outro fator:

[1] Doutoranda do PPG de Educação em Ciências - UFRGS- RS, carolina.vassao@ufrgs.br
[2] Profa. Dra. do PPG de Educação em Ciências - UFRGS - RS, fernanda.staniscuaski@ufrgs.br

ISSN: 2358-8829

a invisibilidade de pesquisadoras negras e indígenas, aspecto que impede a redução do debate apenas à comparação entre homens e mulheres.

Com isso, realizar uma leitura restrita aos totais de concessões pode, entretanto, ocultar diferenças decisivas sobre o universo dos beneficiários. Saber o quantitativo de mulheres que recebem bolsas não esclarece, por si só, como esse reconhecimento se distribui entre elas. É necessário que o marcador de raça seja incorporado à análise, não como informação suplementar, mas como dimensão constitutiva das trajetórias profissionais. A perspectiva interseccional evidencia que racismos e sexismos se articulam na produção de invisibilidade, barreiras de acesso e desigual distribuição de reconhecimento científico. Estudos sobre mulheres negras na ciência brasileira mostram que, apesar do crescimento da produção acadêmica sobre o tema, a contribuição dessas pesquisadoras permanece pouco reconhecida e sua presença nos espaços de prestígio continua limitada (Gaudêncio, 2025). Da mesma forma, análises sobre pesquisadoras negras bolsistas de Produtividade em Pesquisa do CNPq indicam que a análise isolada do gênero tende a ocultar as assimetrias raciais que atravessam o acesso ao financiamento, a visibilidade e as posições de liderança (Silva; Dias, 2021).

Diante desse quadro, o presente estudo apresenta um recorte dos resultados de uma pesquisa de doutorado que investiga as desigualdades de gênero e raça na distribuição das bolsas PQ do CNPq ao longo de duas décadas. Para este trabalho, foram selecionados os anos de 2005 e 2024, com o objetivo de analisar o perfil dos pesquisadores bolsistas, considerando as concessões de bolsas sob as variáveis de gênero e raça. A comparação entre esses dois anos busca examinar a participação feminina e a presença de pesquisadoras pretas em uma das principais modalidades de reconhecimento e fomento oferecidas no país. Os resultados indicam que a participação das mulheres permaneceu em torno de 36% nos dois anos analisados, enquanto a proporção de pesquisadoras pretas que foram contempladas variou de 0,5% a 2%. Esses dados, discutidos à luz da literatura sobre mulheres na ciência, evidenciam dificuldades de oportunidades e de crescimento substancial da presença feminina no meio acadêmico, especialmente quando considerada a dimensão racial.

ISSN: 2358-8829

MULHERES NA CIÊNCIA

Compreender o lugar das mulheres no sistema científico brasileiro requer olhar além do ingresso na pós-graduação ou da presença em equipes de pesquisa. A progressão acadêmica envolve condições de acesso a recursos, tempo disponível para produzir, participação em redes de colaboração e critérios de valorização das trajetórias profissionais (Velho, 2006; Leta, 2003; Cunha; Dimenstein, 2023). Leta, em 2003, já identificava que o crescimento da participação feminina nas atividades científicas não era acompanhado por oportunidades equivalentes de ascensão na carreira. Quase duas décadas depois, Cunha, Dimenstein e Dantas (2021) sustentam que as oportunidades na ciência brasileira são distribuídas de modo desigual, pois mulheres enfrentam barreiras de acesso ao sistema PQ, segregação por área de conhecimento e dificuldades adicionais para alcançar as categorias de maior prestígio. A questão, portanto, não envolve apenas quantas pesquisadoras integram a comunidade científica, mas também as condições em que desenvolvem suas atividades e conquistam reconhecimento institucional.

De acordo com Schiebinger (2001), a participação das mulheres na ciência não pode ser compreendida sem considerar as estruturas e práticas que historicamente orientaram a organização desse campo. Diferenças de infraestrutura, distribuição de responsabilidades acadêmicas e condições de trabalho repercutem nas possibilidades de publicar, orientar e coordenar projetos. A esse cenário somam-se as exigências relacionadas à vida familiar, cuja distribuição desigual encontra fundamento nas discussões de Hirata e Kergoat (2007) sobre a divisão sexual do trabalho. Reconhecer essas circunstâncias não significa desconsiderar a qualidade da pesquisa, mas compreender que os indicadores de produtividade expressam realizações desenvolvidas sob condições nem sempre equivalentes.

Transferir às pesquisadoras a responsabilidade por limitações que ultrapassam suas escolhas pessoais contribui para a naturalização de obstáculos institucionais ao valorizar a superação individual (Cunha; Dimenstein, 2023). Essa interpretação dialoga com as reflexões de Schiebinger (2001) sobre a necessidade de examinar criticamente as práticas e os valores presentes nas instituições científicas. Sob essa perspectiva, as diferenças observadas nos indicadores de produtividade não devem ser interpretadas como expressão direta de capacidades individuais, pois também refletem as circunstâncias em que as carreiras são desenvolvidas.

ISSN: 2358-8829

Essas circunstâncias, contudo, não são iguais para todas as pesquisadoras, e a inclusão da dimensão racial amplia a compreensão dessas diferenças. Mulheres que compartilham a mesma categoria de gênero não ocupam necessariamente posições equivalentes na academia. Ao tratar da invisibilidade de cientistas negras e indígenas, Cunha, Dimenstein e Dantas (2021) apontam os limites de abordagens que apresentam a experiência feminina como homogênea. Examinar conjuntamente gênero e raça permite identificar desigualdades que permaneceriam ocultas quando os dados relativos às mulheres são reunidos em um único percentual.

METODOLOGIA

A abordagem adotada neste estudo é quantitativa, de caráter descritivo, baseada em dados secundários. A interpretação dos resultados foi fundamentada na literatura sobre as relações entre gênero, raça e reconhecimento científico.

Para as análises, foram selecionadas as variáveis sexo e cor/raça, referentes às Bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ) concedidas. Essas informações foram extraídas do Painel de Fomento em Ciência, Tecnologia e Inovação do CNPq, disponível no portal institucional e consultado em maio de 2026. O estudo compreende o período de 2005 a 2024.

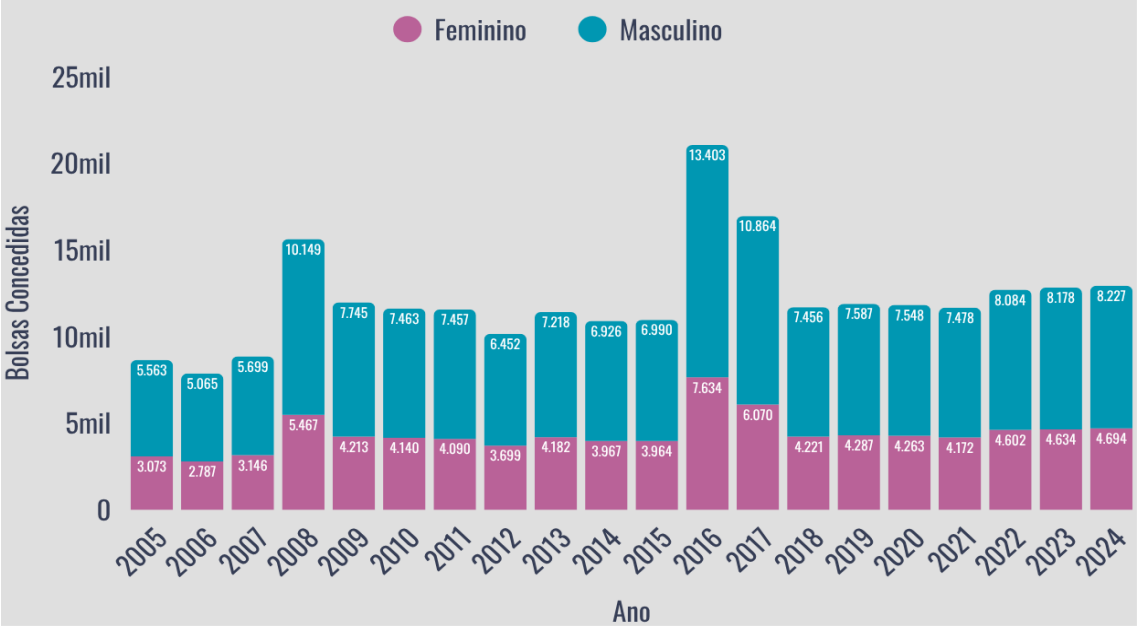
Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva, com apresentação de frequências absolutas e percentuais, e organizados em dois eixos. O primeiro examina a participação feminina na distribuição das bolsas PQ, com o objetivo de identificar diferenças de representação entre homens e mulheres. O segundo incorpora a dimensão racial, comparando a participação de pesquisadoras pretas entre as mulheres contempladas em 2005 e 2024. Nesse eixo, os percentuais foram calculados em relação ao total de mulheres contempladas em cada um dos dois anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seção de resultados apresenta os dados em dois eixos distintos, porém complementares. No primeiro eixo, os achados referentes ao marcador de gênero indicam uma presença feminina persistentemente minoritária entre os bolsistas PQ no período de 2005 a 2024 (Gráfico 1). A participação das mulheres permanece em torno de 36% ao

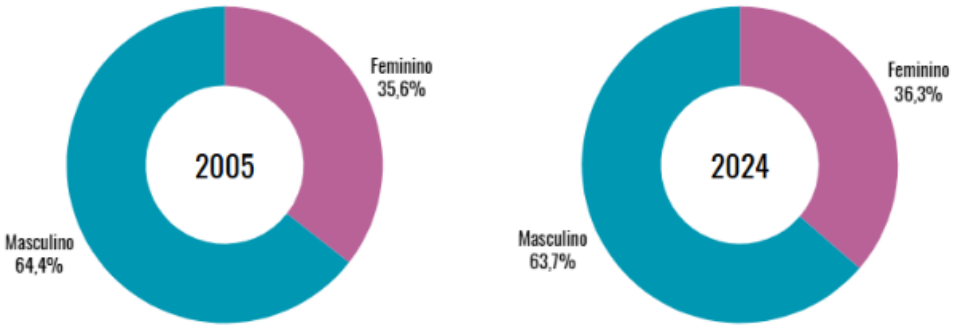
longo dessas duas décadas, enquanto a participação masculina corresponde a aproximadamente 64% (Gráfico 2). A duração desse padrão é um aspecto relevante, pois evidencia que o desequilíbrio não está restrito a uma chamada específica, mas se mantém ao longo do período analisado, sem apresentar mudanças significativas.

Gráfico 1 – Evolução das bolsas PQ no Brasil por Gênero (2005-2024).



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2026.

Gráfico 2 – Distribuição percentual dos bolsistas PQ do CNPq por gênero, em 2005 e 2024.



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2026.

O segundo eixo incorpora a variável racial à análise, permitindo identificar desigualdades que não são evidenciadas pelos dados agregados de gênero. Em 2005, as

pesquisadoras pretas correspondiam a aproximadamente 0,52% das mulheres contempladas com Bolsas PQ, enquanto, em 2024, sua participação atingiu 1,98% (Gráfico 3). Essa variação resultou em uma diferença de apenas 1,46 pontos porcentuais entre os extremos de décadas. Há um aumento da participação relativa, porém o patamar final permanece ínfimo.

Gráfico 3 - Participação percentual de pesquisadoras pretas entre as mulheres bolsistas PQ do CNPq, em 2005 e 2024.



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2026.

A avaliação conjunta desses resultados mostra os limites de considerar a participação feminina como um indicador isolado das desigualdades no acesso às Bolsas PQ. Embora a representação feminina, próxima de um terço das bolsas, já indique um desequilíbrio; a inclusão da variável racial revela diferenças significativas dentro desse grupo. É justamente a sobreposição de marcadores sociais que torna insuficiente qualquer explicação centrada em uma única dimensão da desigualdade.

Outro aspecto a ser discutido diz respeito à relação entre a distribuição das bolsas e as etapas anteriores da carreira acadêmica, que também devem ser consideradas na compreensão das desigualdades observadas. A possibilidade de alcançar produtividade reconhecida depende de formação, continuidade de vínculos, condições materiais de pesquisa e oportunidades de integração a grupos e projetos. A análise apresentada por Ferreira e Sousa (2025), no campo da Química, sugere a importância de observar também quem chega a submeter propostas, pois a sub-representação pode começar antes da avaliação final.

ISSN: 2358-8829

Esse panorama de duas décadas convida, assim, a reconsiderar a equidade como componente da própria política de ciência e tecnologia. O desafio não se esgota na ampliação geral do número de pesquisadoras; envolve conhecer quem permanece fora dos mecanismos de prestígio e em que momentos a carreira se torna mais seletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da distribuição das bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ) apresentada neste trabalho revela a persistência de assimetrias de gênero e raça no reconhecimento científico brasileiro. A comparação entre 2005 e 2024 demonstra que a participação feminina permaneceu na marca de 1 para cada 3 bolsistas beneficiados, nos dois momentos investigados. Entre as mulheres contempladas, as pesquisadoras pretas representavam aproximadamente 0,52% em 2005 e 1,98% em 2024. Embora os dados indiquem um crescimento dessa participação, a presença desse grupo continua expressivamente reduzida, demonstrando que os avanços observados ainda estão distantes de uma distribuição equitativa das oportunidades de reconhecimento acadêmico.

O diálogo com a produção brasileira evidencia que esses resultados precisam ser compreendidos no contexto das condições de construção das trajetórias acadêmicas e da valorização da produção científica. Os achados reforçam a pertinência de políticas de acompanhamento capazes de distinguir procura, concessão e permanência nas diferentes modalidades de apoio. A disponibilização de séries históricas consistentes, acompanhadas de informações metodológicas claras, constitui uma medida importante para ampliar a transparência e subsidiar avaliações sobre a equidade na distribuição dos recursos públicos. Também se mostra importante aprofundar investigações sobre os percursos e obstáculos enfrentados por pesquisadoras pretas, cuja presença é extremamente reduzida no universo observado.

Por fim, desse conjunto de contribuições emerge uma reflexão: a igualdade formal dos critérios de avaliação não garante, por si, igualdade nas condições para satisfazê-los. Cabe investigar quem consegue permanecer na carreira, acumular produção reconhecida e reunir requisitos para disputar uma bolsa PQ. A literatura aqui mobilizada oferece caminhos para formular essas perguntas, sem pretender que os indicadores disponíveis neste trabalho respondam, sozinhos, por todas as causas da desigualdade na ciência.

Palavras-chave: Bolsas de produtividade; Gênero; Raça; Ciência; Interseccionalidade.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Jackeline Maciel de; BARBOSA, Hanna Karoliny Feitosa; GUENA, Marcia. Mulheres nos programas de pós-graduação stricto sensu no Brasil: um processo decolonial do saber. **Revista Brasileira de Pós-Graduação (RBPG**), Brasília, v. 19, n. 40, p. 01-26, jan./dez. 2024. Disponível em: https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/2271/1074 . Acesso em: 05 out. 2026.

CUNHA, Rocelly; DIMENSTEIN, Magda; DANTAS, Candida. Desigualdades de gênero por área de conhecimento na ciência brasileira: panorama das bolsistas PQ/CNPq. **Saúde em Debate**, v. 45, n. esp. 1, p. 83–97, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0103-11042021E107 . Acesso em: 15 set. 2026.

CUNHA, Rocelly; DIMENSTEIN, Magda. Desigualdades de gênero no trabalho científico: permanências e desmantelamentos em processo. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 28, n. 1, p. 47-58, jan./abr. 2023. Disponível em: https://doi.org/10.22491/1678-4669.20230005. Acesso em: 15 set. 2026.

FERREIRA, Ana Caroline dos Santos; SOUSA, Lia. Gênero e produtividade científica na Química: análise sobre a distribuição de Bolsas de Produtividade em Pesquisa (2014–2023). **Observatório Caleidoscópio**, 11 dez. 2025. Disponível em: https://observatoriocaleidoscopio.unicamp.br/2025/12/11/genero-e-produtividade-cientifica-na-quimica-analise-sobre-a-distribuicao-de-bolsas-de-produtividade-em-pesquisa-2014-2023/. Acesso em: 20 out. 2026.

GAUDÊNCIO, Jéssica da Silva. Mulheres negras na ciência: desafios, impactos e perspectivas interseccionais. **Pontos de Interrogação,** v. 14, n. 2, p. 87–109, jul./dez. 2024. Disponível em: https://doi.org/10.30620/pdi.v14n2.p87. Acesso em: 10 out. 2026.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595–609, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005 . Acesso em: 20 out. 2026.

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 271–284, 2003. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300016 . Acesso em: 10 set. 2026.

SCHIEBINGER, Londa. O feminismo mudou a ciência? Bauru: EDUSC, 2001.

MACHADO, Leticia Santos et al. Parent in Science: the impact of parenthood on the scientific career in Brazil. In: IEEE/ACM INTERNATIONAL WORKSHOP ON GENDER EQUALITY IN SOFTWARE ENGINEERING, 2., 2019, Montreal. **Proceedings [...]**. Montreal: IEEE, 2019. p. 37–40. Disponível em: https://doi.org/10.1109/GE.2019.00017. Acesso em: 15 out. 2026.

MOTTA, Janayna Avelar; FIÚZA, Ana Louise de Carvalho. Mulheres na ciência: uma análise sistematizada dos artigos científicos publicados no Brasil pós-década de 1990. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 15, n. 46, p. 46-63, jul./dez. 2022. Disponível em: https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/viewFile/14026/9349 . Acesso em: 05 out. 2026.

SILVA, Ivanderson Pereira da; DIAS, Alfrâncio Ferreira. Desigualdades de gênero e raça na pesquisa em educação: quem são e o que pesquisam as mulheres negras bolsistas de produtividade do CNPq? **Interfaces da Educação**, v. 12, n. 35, 2021. Disponível em: https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/5528 . Acesso em: 08 out. 2026.

VELHO, L. Prefácio. In: SANTOS, L. W.; ICHIKAWA, E. Y.; CARGANO, D. F. (Org.). **Ciência, Tecnologia e Gênero**: desvelando o feminino na construção do conhecimento. Londrina: IAPAR, 2006.